

# PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR  
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII  
N.º 671



## PROCESSO ENGENHOSO

Por VIRGÍNIA LOPES DE MENDONÇA

**A** tabernória da tia Brigida, tinha fama na vila pelas suas belas petisqueiras.

Aos domingos, à saída do mercado, não havia layrador dos arredores que ali não abancasse.

Patos no forno e guisados de frangos, eram pratos obrigados que todos reclamavam como o mais saboroso pitêu.

Para os cozinhar, a taberneira certamente necessitava duma data de criação, porque os fregueses gozavam de bom apetite e a comida, regada com tresco vinho verde, desaparecia a olhos vistos.

Ora, todos sabiam que a tia Brigida, a-pesar do seu corpanzil e modos autoritários, que intimidavam o mais valente, tinha a fraqueza de nunca, na sua vida, ter medido a faca no pescoço dum franganito!

— «É o nervoso que me dá!... Não sou capaz de matar a bicharia da minha caqueira!» — Assim dizia e apregoava. Por que processo conseguia ela, então, tanto frango e tanto pato para os cozinhados dos domingos?!

Isto lhe perguntavam, cheios de curiosidade.

Mas a tia Brigida disfarçava, mudando de assunto, e o caso dava que pensar e era discutido como mistério que ainda ninguém desvendara.

Uma das frequentadoras da taberna, a comadre Domingas, curiosa e bisbilhoteira, andava tão intrigada que jurou aos seus deuses pôr a história a claro.

Sempre que passava ali, a meio da semana, via a caqueira recheadinha de criação que, ao domingo, a taberneira servia aos seus fregueses, cozinhada a capricho.

E aquilo, já se vê, fazia-lhe espécie!...

Vai, um belo dia, tirou-se dos seus cuidados e pôs-se de atalaia.

Os bichos não podiam ficar mortos durante muito tempo, está bem de ver!

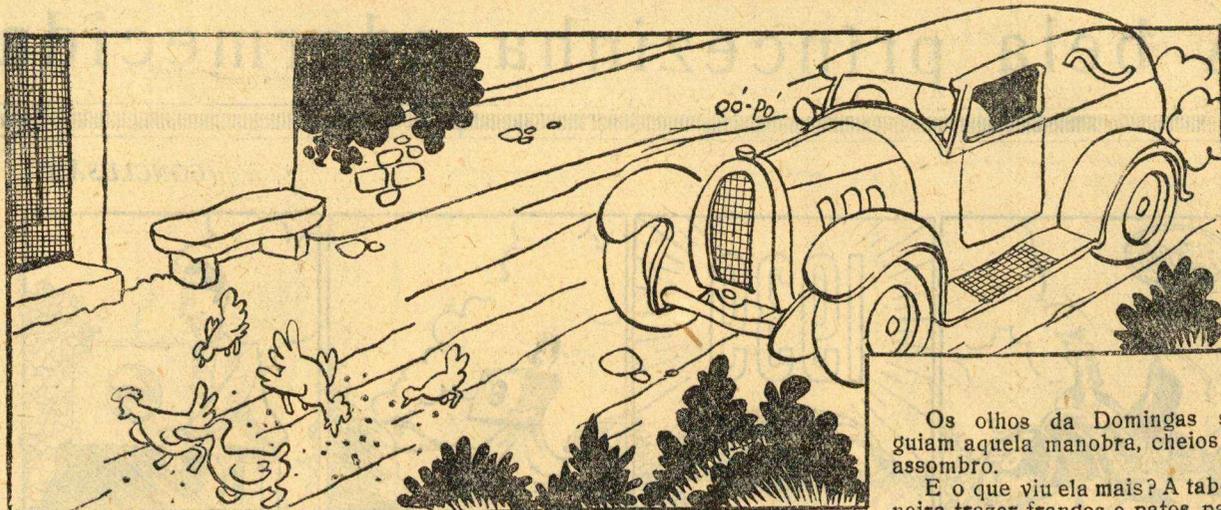
E foi num sábado, logo de manhãzinha, que, por atalhos e barrancos, para não ser vista, a mulherzinha chegou à taberna, que ficava numa volta da estrada.

A passagem para a cidade fazia-se por ali, de forma que os automóveis, camiões, bicicletas e outros meios de transporte, sucediam-se quasi sem interrupção.

(Continua na página 3)







Os olhos da Domingas seguiam aquela manobra, cheios de assombro.

E o que viu ela mais? A taberneira trazer frangos e patos para ali.

Os bichos batiam as asas satisfeitos e deitavam-se ao milho com toda a gana.

Da porta, a Brígida guardava-os e assim que ouvia algum automóvel ou camião, em lugar de enxotar a criação para os lados, se algum dos bichos se tinha afastado, ela fazia-o voltar para o sítio do milho.

A criação, que naturalmente estava esfaimada, não dava pelos carros que apareciam, de repente, na volta da estrada.

E quando estes passavam, em carreira desenfreada, deixavam sempre uma data de franganitos e patos mortos. Logo, a Brígida os levava para os depenar.

Assim, por este processo engenhoso, à tardinha, já havia criação suficiente para as petisqueiras do dia seguinte.

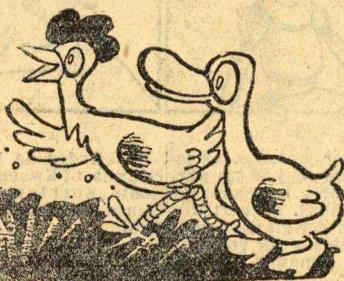
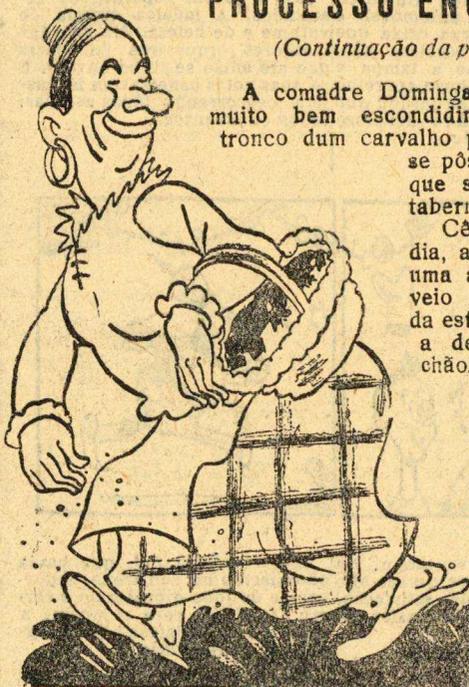
A comadre Domingas muito riu e fez rir toda a gente da aldeia, ao contar-lhes o segredo da esperta taberneira.

## PROCESSO ENGENHOSO

(Continuação da página 1)

A comadre Domingas escondeu-se, muito bem escondidinha atrás do tronco dum carvalho possante e dali se pôs a espreitar o que se passava na taberna.

Cerca do meio-dia, a Brígida, com uma alfofa na mão, veio para o meio da estrada e desatou a deitar milho no chão.



Sim

cama, uma mesa, dois bancos e alguma louça.

Aos 6 anos já eu fazia mandados, nalgumas casas vizinhas, a trôco do comer e duns míseros cobres que se gastavam nos dias em que minha mãe não ia coser.

Teria eu 10 anos quando, numa noite fria de inverno, ao recolher a casa, encontrei no portal uma garotinha que tremia com frio. Perguntei-lhe porque não ia para casa; disse-me que não tinha, que andava, de porta em porta, pedindo esmola para se alimentar, pois já não tinha pais. Comovi-me; fi-la entrar comigo e, com as lágrimas nos olhos, pedi a minha mãe que a deixasse ficar a viver connosco. Concordeu; disse que o dinheiro que ganhávamos havia de chegar para darmos de comer à pequena Rosália.

Hora bendita aquela em que a recolhemos em nossa casa!

Uma senhora, comovida com o nosso proceder, — pois sendo pobres não hesitámos em recolher uma pobre como nós, — tomou-nos à sua protecção. Dava-nos a alimentação, arranhou mais casas onde minha mãe fôsse trabalhar e a mim enviou-me para uma oficina. Tornei-me um bom operário, ganhando bastante dinheiro. Conseguimos refazer a nossa casa, que Rosália arranjava com todo o cuidado, enquanto eu e minha mãe andávamos no trabalho. Mais tarde casei com Rosália, a tua Avózinha, e, já então minha mãe tinha morrido, nasceu teu pai. Mande-o para a Escola, fiz dêle um advogado. Como sempre obtive altas classificações, fácil lhe foi arranjar clientela.

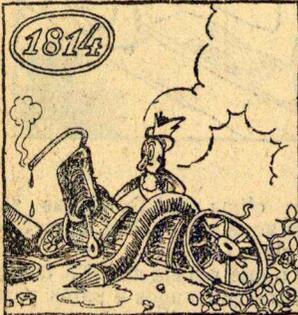
Como vês, foi à custa de muitos esforços, de muito estudo, que teu pai proporcionou uma velhice sossegada a mim e a tua Avó, e uma entrada risonha na vida a ti, meu neto. O avózinho calara-se e o silêncio reinou na sala. Joãozinho parecia entregue a grandes pensamentos. Por fim, exclamou:

— «Eu vou estudar muito, Avózinha! Eu quero vir a ser advogado como o papá!...

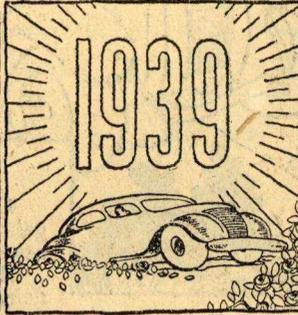
FIM

# A bela príncезinha adormecida

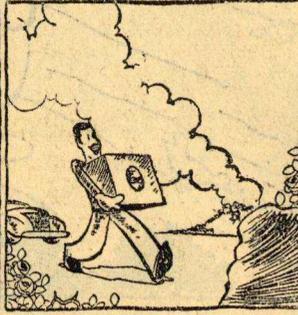
(CONCLUSÃO)



25 - Num lindo dia de sol do ano de 1814, George Stephenson montou o seu engenho. Apitandovitoriosamente, a máquina avançou, deixando atrás de si grossos róis de fumo branco. O choque com as roseiras foi tremendo. E durante muito tempo, se falou daquela catástrofe em que o inventor quasi perdera a vida, nada conseguindo.



26 - Multos anos passaram sobre o castelo. O «encantamento» continuava. Só no ano de 1939 um carro moderno, de linhas super-aero dynamical, parou em frente do denso roseiral.



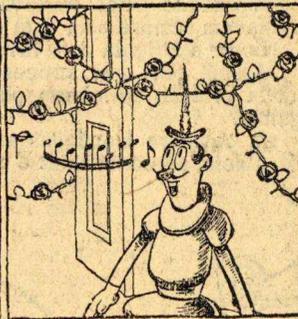
27 - Um rapaz alto, gymnastificado, desceu do automóvel e dele tirou uma larga caixa que colocou junto das roseiras mais próximas. Tirou-lhe a tampa e surgiu um maravilhoso aparelho Philips, o qual não tardou que transmitisse a mais deliciosa música deste mundo.



28 - O jovem esperava os resultados. A música crescia de volume e de beleza. Era uma das melhores orquestras de «jazz» que até então se tinha ouvido. E as suas notas penetravam no castelo, percorrendo todas as salas, todos os recantos...



29 - As roseiras desentrelaçavam-se à passagem das melodiosas notas. E o castelo começava a despertar dum sono que parecia eterno...



30 - Como por encanto, as janelas abriram-se de par em par. Lá dentro, nobres e criados esfregavam os olhos, despertados pela música, e dirigiam-se para as janelas, ansiosos por ver a luz do dia e ouvir tamanha maravilha musical.



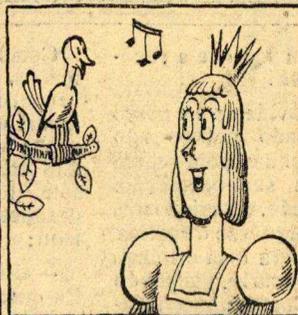
31 - Todos se levantaram. Na cozinha Li-kwang-To e o seu ajudante sorriam de satisfação. Nunca tinham ouvido música tão linda.



32 - O próprio Rei, que havia adormecido no seu trôno, esqueceu-se de todo o protocolo e correu, também, para a janela. A música era deliciosa! Que acordar tão maravilhoso!



33 - O rapaz, ainda no jardim, viu o Rei e saudou-o, alegremente. Todas as janelas se encheram de pessoas, num ar festivo.



34 - Em dado momento, perto dele, surgiu a princesa Bela Adormecida, que tinha mergulhado num sono profundo, mesmo ali no jardim. Os pássaros começaram a chilrear e iniciaram os graciosos vôos em volta da linda menina.



35 - A princesinha, elegantemente, seguida pelas pequeninas aves, tomou a direcção do castelo. Subiu os degraus da entrada privada, nunca perdendo de vista o rapaz que a tinha «desencantado» com música tão deliciosa.

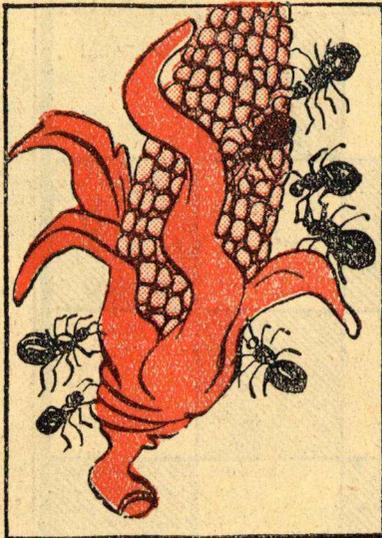


36 - Bela Adormecida estava, agora, junto de seu pai. O moço fascinava-a. Era belo e distinto. E, depois, aquela maravilha que trouxera e que transmitia música tão pura, tão encantadora, atraía-a.

Ver continuação na 5.ª página

# ENCONTRAI RIMAS e FIXAI CONCEITOS

Por JOSINO AMADO



Quando não pode, a formiga  
Pede ajuda às companheiras.  
Agarram tôdas a esp...  
E levam-na, prezent.....!

Das formigas operosas  
Imitai social instinto,  
Assim cobrireis de r....  
Da vida o negro rec....!



Honra dos mais, sacrossanta,  
Sempre na vida respeita-a,  
Maldita seja a garg....  
Que em sujá-la se del....!

Que a má língua venenosa,  
Que a calúnia traçoieira,  
A vossa bôca form...  
Não transforme em estrum....!

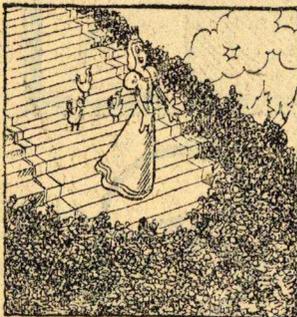


Quando um justo perseguido,  
Te procure em fria noite,  
E' bom que, compadec...,  
Lhe dêis aonde se acoi..!

Não podendo dar-lhe ajudas,  
Nunca sereis denunciante:  
Olhai que os beijos de J....  
São estigmas infam.....!

## A BELA PRINCEZINHA ADORMECIDA

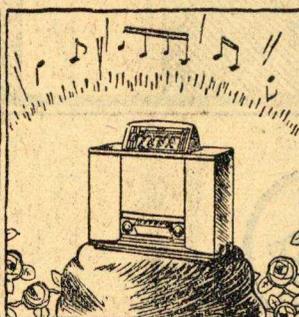
—(Continuado da página 4)—



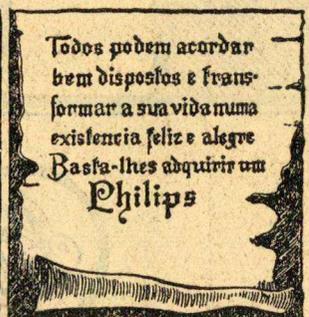
37 — A princesa resolveu, então, ir ao seu encontro. Surgiu ao alto da majestosa escadaria principal e, à medida que descia, a perfumada passadeira de rosas abria-se, como por milagre, para a deixar passar.



38 — O rapaz sentia-se feliz e a princesa também. Ante a satisfação do Rei e das outras pessoas, ambos se abraçaram e deram um beijo terno de amor.



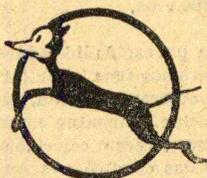
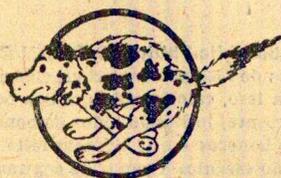
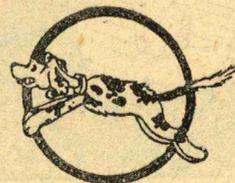
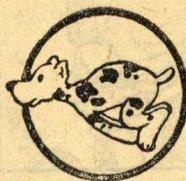
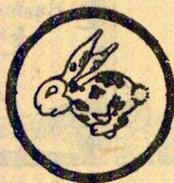
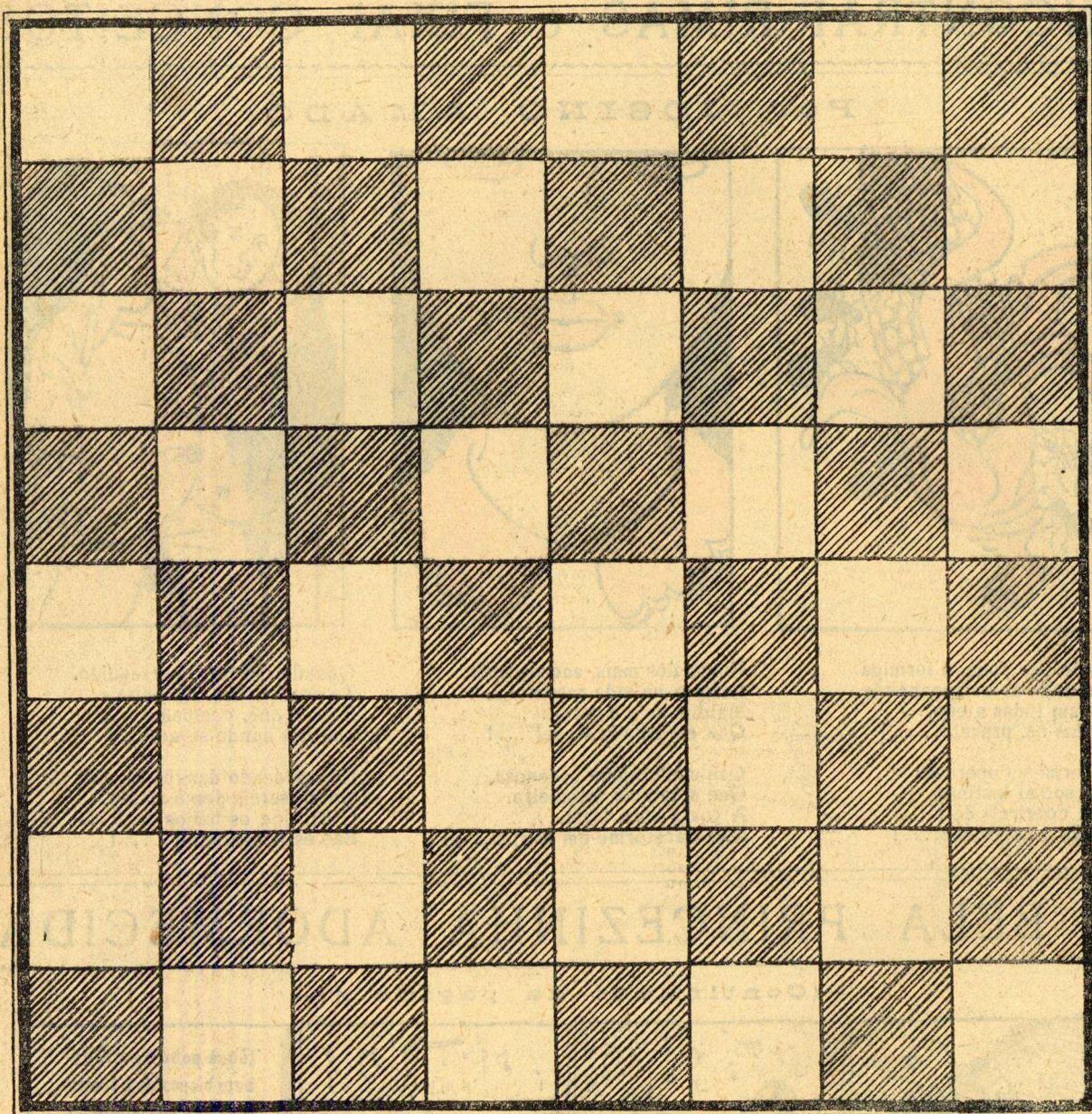
39 — Casaram-se, vivem felizes e nunca mais se esqueceram que deviam a sua felicidade a um magnífico Philips, o aparelho superior a tôdas as magias, porque é verdadeiro e real como a própria vida,



Todos podem acordar bem dispostos e transformar a sua vida numa existência feliz e alegre. Basta-lhes adquirir um Philips

40 — E se o velho e sábio Rei da Bergengória pudesse ler estas linhas, passaria, decerto, a sua mão pela venerável cabeleira, dizendo: — Não há dúvida! É uma grande verdade!

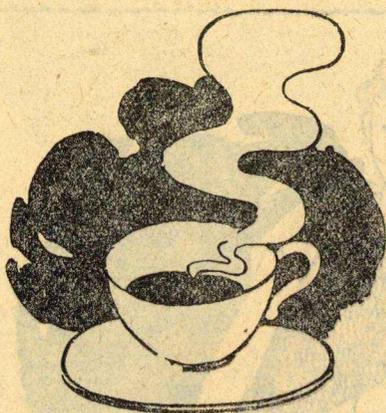
Recortar na 3.ª página deste jornal um cupão que habilita cada menino a um esplêndido aparelho Rádio-Philips. **O CONCURSO DA BELA PRINCEZINHA ADORMECIDA**—Como se sabe, *Pim-Pam-Pum* oferece aos seus leitorzinhos de Lisboa e das províncias um concurso que servirá para provar as qualidades artísticas dos pequeninos concorrentes. Basta, para isso, colorir cada um dos bonequinhos da *Bela Princesinha Adormecida*, conto cuja publicação hoje se conclue. O menino concorrente, juntando todos os bonecos do conto, fará uma encadernação para os desenhos. Os três meninos que melhor tiverem colorido os bonecos e que tiverem feito a mais linda encadernação, receberão um lindo prêmio. A entrega dos cadernos nestas condições faz-se no «Século» a partir de segunda-feira próxima até o dia 22 inclusivé, recebendo o concorrente, em troca, uma senha numerada. Os concorrentes de fora de Lisboa podem enviar os seus cadernos pelo correio, incluindo uma estampilha de 40 centavos para a remessa da senha. No envelope devem escrever: Redacção do «Pim-Pam-Pum» — Concurso da *Bela Princesinha Adormecida*.



OS Cães  
e o COELHO  
UM JOGO DESENHADO  
POR  
**PUY MANZO**

Vêr instruções na página 7

# CURIOSIDADES PASSATEMPO



## A ORIGEM DO CAFÉ

Quantas pessoas, nos nossos dias, não podem passar sem a sua chávena de café. E, no entanto, o uso desta bebida é relativamente recente.

As primeiras casas onde se bebem café, datam somente do século XVII. Foram abertas na Holanda e na Itália.

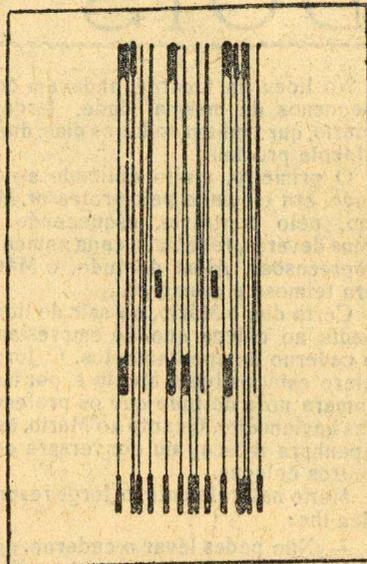
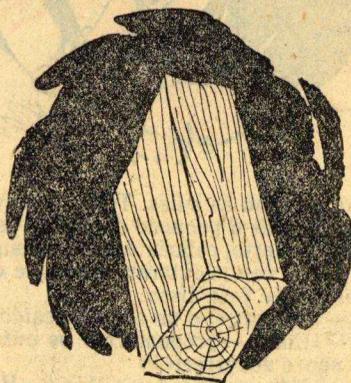
Albert de Mandeslab, que visitou estes países em 1687, cita, como curiosidade, uma água escura, a que os persas chamavam kahwé e cujo gosto era absolutamente detestável.

Elisabeth d'Orléans, numa carta que escreveu em 1712, declara horrível esta bebida «que, como o chá, tem um sabor a feno queimado.»

No meio do século XV um sábio árabe compôs uma bebida que mais tarde se chamou café e fez plantações no país de Moka. Depois, em 1690, um holandês, dessas plantações, colheu um pé de cafézeiro que levou para Java onde o transplantou. Em 1727 os franceses apropriaram-se das plantas de Java que trouxeram para Martinique; de lá o café passou para o Brasil, do qual fez a fortuna.

## A POLPA DA MADEIRA

Um pedaço de madeira com 5 cm. de altura, 7 de largura e 10 de comprimento, produz a polpa suficiente para fabricar o papel que seria necessário para publicar 6 jornais de tamanho normal, com 6 páginas.



Assim, à primeira vista, não se sabe o que é, mas, se reparardes com muita atenção, vereis, imediatamente, o nome de uma coisa, à qual certamente muito quereis.

## OS CÃES E O COELHO

(Jogo que publicamos na pag. 6)

Amiguinhos:

Colem, em cartão bastante forte, todas as peças do nosso jogo; deixem secar bem e recortem com cuidado as rodelinhas, que poderão colorir caprichosamente.

### Regras do jogo

Os quatro cães são colocados em quatro dos quadrados escuros e o coelho em qualquer quadrado (também dos escuros) do lado oposto.

Os cães têm em vista não deixar que o coelho passe a barreira por eles formada e este, evidentemente, tentar a passagem.

Os jogadores jogam alternadamente. O coelho pode avançar e recuar; os cães só podem avançar.

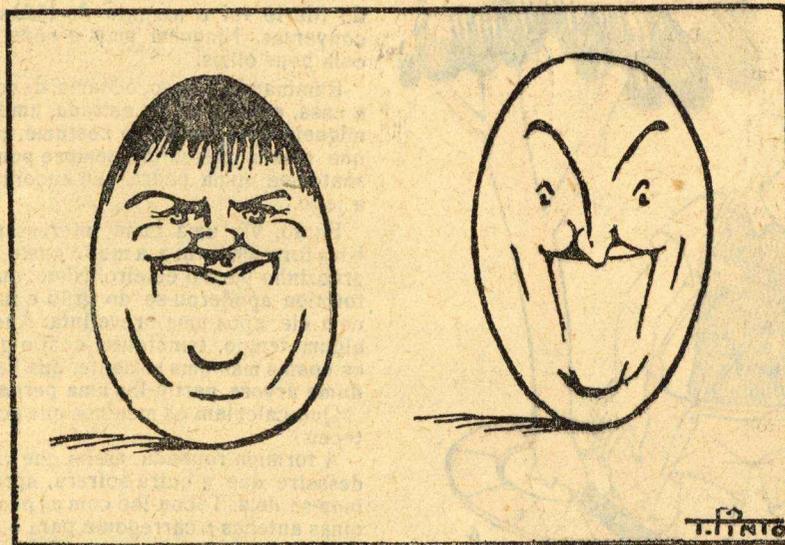
Joguem somente pelos quadrados escuros.

## Concursos quinzenais de poesias e contos infantis

Foram classificados com menção honrosa o conto que publicámos no nosso último número intitulado: — «Quem tudo quere...» de Carlos Amor e os contos: — «A história da Avózinha» que publicamos hoje, e «Dois pequenos cow-boys» de José de Oliveira, que sairá brevemente.

No próximo número publicaremos uma nova modalidade destes concursos que constituem um estímulo à vocação literária dos nossos amiguinhos.

## S E M P R E - E M - P E



Leitorzinhos: — quereis fazer um brinquedo muito interessante e, também, muito económico, um «Sempre-em-pé»?

Vamos a isso:

Esvaziem um ovo, fazendo-lhe dois orifícios, um de cada lado. Soprem por um deles até o conteúdo do ovo sair todo pelo outro. Lavem a seguir o ovo muito bem e introduzam-lhe um bocado de chumbo em grãos muito pequeninos. Deitem-lhe, depois, também, uns pedacinhos de cêra e, conservando o ovo em posição vertical, ponham-no sobre uma chama. A cêra derreter-se-há e fixará o chumbo ao fundo. Deixem esfriar e, em seguida, pintem na casca uma cara cómica. Tapem, também, os furos com cêra e, com isto, fica pronto o reinadio e frágil «Sempre-em-pé.»

# DOIS EXEMPLOS Por MANUEL FERREIRA

No liceu da Guarda, andavam dois pequenos da mesma idade, Jorge e Mário, que vinham, todos os dias, duma aldeola próxima.

O primeiro, muito aplicado ao estudo, era elogiado pelo professor. Mário, pelo contrário, esquecendo os seus deveres, recebia, a cada nome<sup>to</sup> repreensões. Além de tudo, o Mário era teimoso e casmurro.

Certo dia, o Mário, ao sair do liceu, pediu ao colega que lhe emprestasse o caderno de apontamentos. O Jorge, claro está, estivera atento e, por isso, tomara nota de tudo que os professores haviam dito. Quanto ao Mário, esse apanhara mósas ou conversara com outros colegas.

Muito naturalmente, o Jorge respondeu-lhe:

— «Não podes levar o caderno, agora, porque tenho de preparar a lição para amanhã. Em todo o caso, lá pela tardinha, passa por minha casa, que eu empresto-to.»

O Mário chegou quasi a exigir

— «Mas, eu, à tarde, não posso trabalhar. Devias emprestar-mo, agora, porque logo vou ao cinema.»

Então, o Jorge respondeu-lhe, com uma pergunta acertada:

— «Olha lá, porque é que tu, em vez de apanhares mósas, não tiraste os teus apontamentos, como eu?»

Foi o bastante para que o casmurro do Mário voltasse costas, resmungando. No outro dia, quando o Jorge lhe deu as boas tardes, o companheiro fingiu não ouvir.

É nunca mais se falaram.

Ora acontece que, daí a uns dias, o



Jorge taitou às aulas. Todos se admiraram, pois o pequeno era muito assíduo. Decerto, estaria doente. Quando o Mário veio, contaram-lhe o que era passado, e este disse:

— «Encontrei-o na estrada, caído...»

— «Então—preguntaram os outros— não o socorreste?»

— «Não—respondeu o Mário— Bem sabem que eu estou mal com ele.»

Indignados, os rapazes pediram licença aos professores e foram ao caminho que levava à aldeia onde o Jorge morava. Cheio de sangue, proveniente dum ferimento na cabeça, o Jorge não dava acôrdo de si.

Quando recuperou os sentidos, o pequeno contou que tinha sida atropelado por um automóvel que desaparecera numa curva do caminho. Não se lembrava de mais nada...

Claro está que o mau procedimento do Mário foi o assunto de tôdas as conversas. Ninguém mais o pôde ver com bons olhos.

Ruminando o caso, o Mário, de volta a casa, encontrou, na estrada, um formigueiro. Na forma do costume, pois que nêle a pressa era sempre pouca, sentou-se numa pedra que encontrou a jeito.

Então, viu uma cena interessante. Uma formiga levava, a muito custo, um grãozinho para o celeiro. Nisto, outra formiga apoderou-se do grão e fugiu com êle, após uma breve luta. Andou algum tempo, triunfante, com o grão às costas mas uma semente, que caíra duma árvore, partiu-lhe uma perna.

Que calculam os meninos que aconteceu?

A formiga roubada, assim que viu o desastre que a outra sofrera, aproximou-se dela. Tocou-lhe com as pequenas antenas e carregou-a para o formigueiro, receando que, ao abandono, a sua inimiga viesse a ficar esmagada no caminho.

Então, é que, comparando o seu procedimento com o da formiga, o Mário se arrependeu da maldade que fizera...



F I M